REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

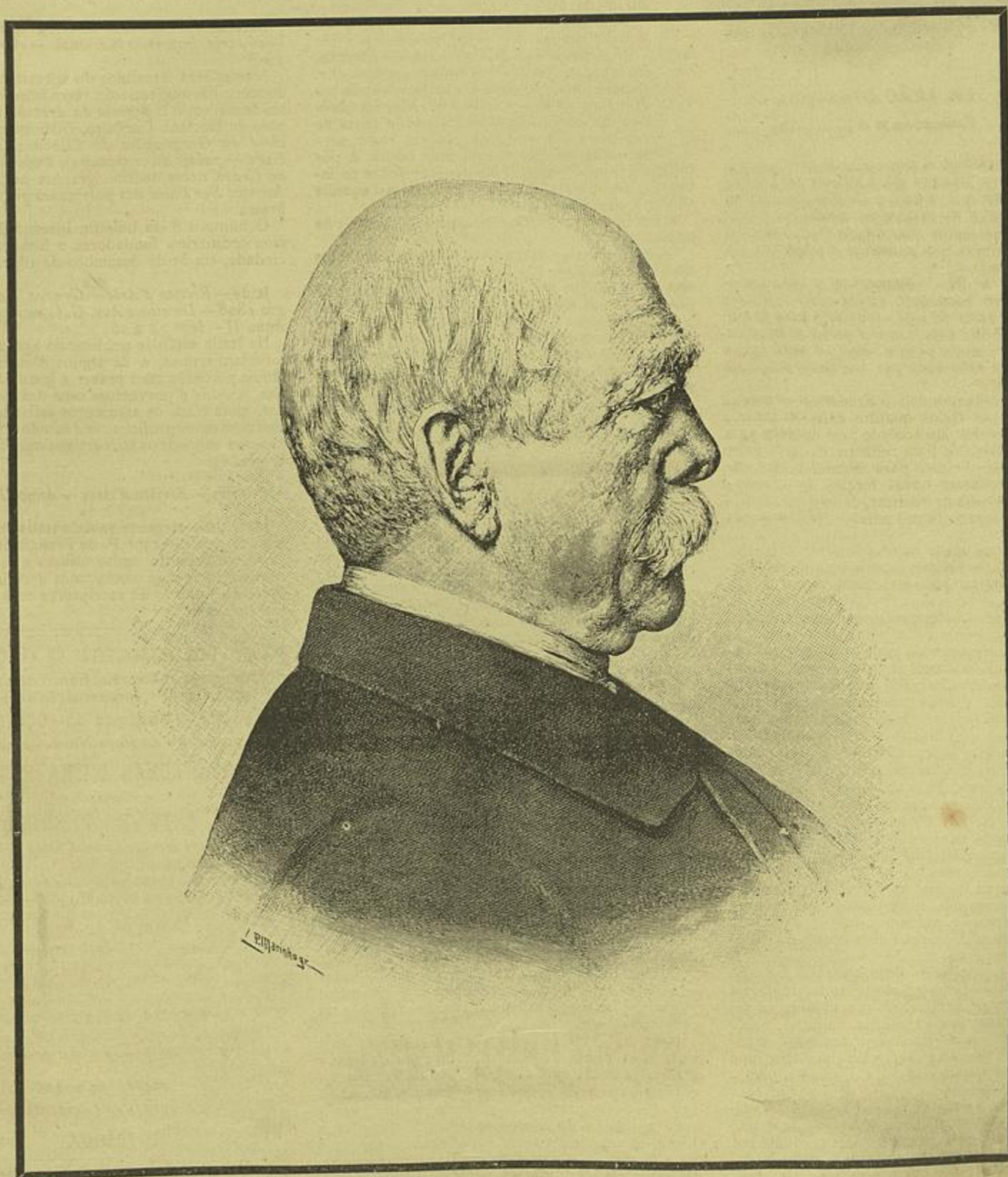
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 706

10 DE AGOSTO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

BISMARCK — FALLECIDO EM 30 DE JULHO DE 1898

CHRONICA OCCIDENTAL

Os ultimos telegrammas recebidos de Madrid dão como assegurada a paz entre a Hespanha e os Estados-Unidos.

No conselho de ministros foram discutidas as bases da resposta á nota de Mac-Kinley, esperando-se que este se conformará com as decisões tomadas.

Mas a paz com a grande republica norte-americana talvez não seja a tranquillidade para a Hespanha, ameaçada como está com gravissimas complicações e mais do que uma guerra civil. O pretendente D. Carlos acha-se actualmente na Suissa, para onde partiu precipitadamente de Bruxellas.

Fala-se em varias guerrilhas carlistas que começam a armar-se nas provincias do norte.

Festa de paz tivemos nós agora em Lisboa, bem demonstrativa da união e amizade que entre nós existe e o poderosissimo estado da America do Sul.

Visitados pelo Dr. Campos Salles, presidente eleito da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, procuraram os bons portuguezes demonstrar, recebendo com enthusiasticas festas o grande cidadão brazileiro, quão profundamente teem gravado no coração seu amor aos irmãos de além-mar, cujas alegrias partilham, tanto quanto elles nos demonstraram, tantas vezes, ter partilhado de nossas dôres.

O Dr. Campos Salles, elevado ao logar de cehfe supremo do seu paiz por mais de quinhentos mil votos, com que os seus concidadãos quizeram provar-lhe o reconhecimento pelas suas excepcionaes qualidades de estadista, é, como o indica o seu nome, filho de portuguezes, e foi ministro da justiça, em cujo logar se impôz á altissima consideração de todos, refundindo sabiamente a legislação da sua terra.

Filho de portuguezes, tem hoje a seu cargo velar pela honra e prosperidade d'essa nação, uma das maiores dó mundo, que filha da nossa é pela historia e é sua gloria maior

São unanimes todos os biographos de Campos Salles nos elogios que tecem ao seu caracter immaculado, ao seu talento cheio de scintillações, ao amor que possue a tudo o que possa honrar o paiz em que nasceu.

Que elle possa ver em todas as provas de consideração e estima, que entre nós recebeu, os votos das nossas almas pelo futuro d'esse opulentissimo paiz, territorio immenso, um dos maiores do mundo em extensão, a cujos destinos Campos Salles foi chamado a presidir.

Foram portuguezes os primeiros que desembarcaram nas riquissimas terras de Santa Cruz, elles os primeiros que admiraram as gigantescas florestas, os rios caudalosos, as novas constellações do céo austral. Atravessados os mares, foram portuguezes sulcar todos esses rios tão largos como oceanos; seus machados colheram as primeiras madeiras das arvores rijissimas; suas picaretas desfizeram as rochas onde os diamantes escondiam na sombra seus fulgores. Elles levaram aos sertões longinquos a civilisação e a palavra de Deus. Elles regaram com sangue as pedras das fortalezas para n'ellas erguerem de novo a bandeira branca das Quinas. Fala-se a lingua de Camões n'aquelle immenso territorio, que é quasi um mundo.

E por isso as glorias do Brazil são glorias nossas e atravez os seculos ha de o Brazil constantemente dizer as glorias de Portugal.

O Dr. Campos Salles levará da terra de seus paes onde decerto não entrou sem que se lhe alvoroçasse o coração, um sentimento de saudade perfumada, como de quem deixa irmãos queridos desfavorecidos pela sorte.

O presidente eleito da Republica dos Estados Unidos do Brazil embarcou na segunda feira a bordo do paquete *Thames*, onde o conduziu o escaler do sr. ministro da marinha.

Muitos barcos e vapores acompanharam-o até á barra. A bordo do *Victoria*, fretado por um grupo de commerciantes da rua dos Capellistas, tocava uma charanga.

Os vivas que á despedida saudaram o Dr. Campos Salles resumiram n'uma exclamação de enthusiasmo o profundo sentimento dos portuguezes, de que aliás o distincto estadista teve inequivocas provas, durante a sua curta estada em Portugal, na forma por que foi recebido na fronteira, nas principaes cidades por onde passou em viagem, nos paços reaes de Cintra, Pena e Necessidades, no banquete na sala Portugal da Sociedade de Geographia.

Foi uma festa de paz em que tantos quizeram tomar parte. A alliança de Portugal com o Brazil nem sequer soffreu com a interrupção das relações diplomaticas, que mais do que essas valem os laços dos corações.

Quem havia de cuidar que tantos gritos de alegria e enthusiasmo, breve, em angustiosos ais de dôr, viria transformal-os uma desgraça enorme?

Do abalroamento dos dois vapores *Victoria* e *Luzitano*, resultou o esmagamento de alguns botes que iam a reboque d'aquelle e o pricipitarem-se ao Tejo muitos dos tripulantes. Foi um momento horroroso. Parece que ha cinco mortes a lamentar.

Para que viria uma nota tão lugubre empanar tamanho enthusiasmo e alegre expansão das almas?

N'este estado de decadencia, a que a imprevidencia e inepcia dos governos nos conduziu, aquieta nos a desesperança e é paliativo á dôr, contemplarmos o desenvolvimento d'uma nação forte e juvenil, de esplendente futuro, que nos diz o que fomos, que nos mostra o que podemos voltar a ser. Como acreditar que tudo esteja perdido, se o mal de que soffremos está diagnosticado?

Que entre nós ainda ha homens de bem, que o amor á nossa patria não se apagou ainda em todos os corações, bem o provou uma festa patriotica realisada ha bem poucos dias.

Dos estaleiros Parry Son, no Ginjal, foi lançada á agua, na tarde de 3 do corrente, a canhoneira *Chaimite*, mandada construir pela commissão da grande subscripção nacional.

Toda a operação do lançamento correu admiravelmente e o vapor *Trafaria*, colhendo o cabo que lhe foi lançado pelos operarios rebocou a nova canhoneira até á cova da Piedade.

O enthusiasmo foi enorme, quando os membros da commissão e seus convidados e todo o immenso povo que se apinhava nas cercanias do estaleiro, viram o novo barco de guerra fluctuar mansamente nas aguas do Tejo, desfraldando ao vento nas pontas dos mastros a bandeira portugueza.

A canhoneira *Chaimite* tem duas machinas de 480 cavallos, é illuminada a luz electrica e será artilhada com duas peças de tiro rapido Hotchkiss de 47^{mm} nos dois castellos de prôa e de pôppa e uma metralhadôra.

O navio foi benzido pelo sr. Arcebispo de Mytilene.

A El-rei foi enviado um telegramma dando-lhe conta do bom exito do lançamento e do enthusiasmo de todos os espectadores. Assignaram-o o sr. Conde de S. Januario, presidente da commissão executiva e Duque de Palmella, vice-presidente da grande commissão.

Mais uma vez se provou quanto pode a energia e a honradez dos homens, até em meio d'uma sociedade indifferente e desdenhosa.

A poucos, hoje, entre nós, cabem tantas glorias como a esses homens da commissão executiva da grande subscripção nacional. Trabalharam esforçadamente e conseguiram ver o fructo do seu trabalho.

Não podemos deixar de escrever ainda mais uma vez, sentindo não o poder anteceder de todos os epithetos elogiosos o nome de Eduardo de Abreu, o incançavel trabalhador, que foi a vontade onde tantas boas forças teriam talvez desfallecido.

A bordo do *Victoria*, que conduziu a commissão foi servido pela casa Roza Araujo um excellente *lunch* a todos os convidados.

Eduardo de Abreu brindou ao velho Cannell, que tão devotadamente dirigiu os trabalhos da nova canhoneira, e aos operarios que tão solicitos encontrou sempre n'aquelle estaleiro, onde pela primeira vez em Portugal se construiu barco tão importante e de taes dimensões, e terminou seu discurso fazendo votos para que a canhoneira de guerra *Chaimite* desempenhe sempre na amada patria africana uma missão de paz.

Outros brindes houve a bordo do *Victoria* e entre elles um do sr. Arcebispo de Mytilene á Sr.ª Marqueza de Pomares, que serviu de madrinha na cerimonia do baptismo.

Bem escolhida foi, que o Marquez de Pomares tinha um nome prestigioso e foi dos que mais d'alma se dedicaram aos trabalhos de installação e propaganda da grande subscripção nacional. Foi elle quem presidiu ao primeiro *meeting* realisado no salão da Trindade. Quando Magalhães Lima, secretario da mesa, lia os nomes propostos para formarem a grande commissão, teve que interromper a leitura, quando pronunciou o do velho Marquez, porque todo o publico o applaudiu unanimemente por largo espaço.

E disse uma voz entre os applausos: «Para alguma coisa serve ser-se honrado toda a vida!»

São coisas boas de recordar. A suprema offensa do ultimatum inglez deu-nos alguns momentos bons n'aquelle accordar d'uma angustiosa somnolencia. Houve esperanças, houve crenças no futuro.

Depois o marasmo voltou e a indifferença criminosa. Poucos ficaram trabalhando com fé, com disvélo, com honra. A politica portugueza voltou ao ramerrão da busca de dinheiro e de votos, principalmente.

Honrados sejam os que não desanimaram, quando tão pouco entre nós se costuma premiar o trabalho honrado, quando o empenho tudo vale e um passado honesto é zero, n'esta sociedade que se curva na lama, quando passa um argentario, sabe Deus rico por que processos, e olha desdenhosa para os que no fiel cumprimento do dever arrastam os dias pesados. Não se póde ser agradavel a todos. Felizes d'aquelles que teem á sua ilharga os honestos e intelligentes.

Não faltemos com o nosso applauso aos distinctos membros da commissão executiva da subscripção nacional e honremos, mais uma vez, a memoria do que tanto n'ella trabalhou como homem de bem e patriota sem macula.

Os mortos illustres merecem estas considerações. A sr.ª Marqueza de Pomares tem um nome honrosissimo e bem escolhida foi por isso para a patriotica distincção.

Outra senhora cujo appelido recordava uma das maiores glorias portuguezas acaba de fallecer, depois de uma prolongada doença, que pouco a pouco, lhe fôra enfraquecendo as faculdades. A sr.ª D. Marianna Herminia Maria de Carvalho era viuva do grande poeta e historiador, Alexandre Herculano

Recebia ha vinte annos uma pensão dos portuguezes residentes no Brazil. Longe da patria acrisola-se o amor da patria, na segunda patria o amor da primeira.

João da Camara.

BISMARCK

O telegrapho transmittiu ha poucos dias no seu laconismo sarcastico, o seguinte despacho lugubre:

«Friedrichsruhe, 30, n. — O principe de Bismarck morreu ás 11 horas da noite.»

A ultima hora do estadista que levantou a sua patria até á gloria maxima de influir poderosamente sobre os destinos dos povos europeus, chegou pois, tal como assalta nos caminhos da vida, qualquer paria desprezivel.

De Berlim, tambem por via telegraphica, foi expedida em 1 do corrente, ás 7 horas da noite esta noticia interessante: «Bismarck morreu n'um leito de madeira cortada nas suas florestas. A agonia foi terrivel. Dava gemidos dolorosos quando lhe sobreveiu um ataque de dyspnêa, que foi o primeiro symptoma de ter o idema invadido os pulmões. Pouco depois perdeu os sentidos. A physionomia do cadaver assemelha-se á de Guilherme I. O cadaver foi embalsamado, sendo velado pelos principes e por guardas florestaes. O imperador Guilherme queria trasladar para Berlim o cadaver de Bismarck. O filho oppôz-se, em virtude das clausulas do testamento. Cita-se como caso curioso o levar muito tempo a arrefecer a cabeça de Bismarck.

A imprensa compara-o a Napoleão. A este faltava-lhe moderação e energia para conter-se, condições que tinha Bismarck. O epitaphio para o jazigo deixou-o escripto o mesmo principe. Diz assim. — Aqui jaz o principe de Bismark, fiel servidor do imperador Guilherme I. —

Em todas as cidades do imperio se teem feito publicas demonstrações de sentimento pela morte do insigne estadista.»

Bismarck, nasceu em Schoenhausen, no primeiro meiro dia do mez d'abril de 1814, contando, portanto, 84 annos de edade.

Parece ter sido descendente de uma familia de origem slava.

Havendo encetado os seus estudos pela sciencia do direito, abraçou por fim a milicia, vindo a ser official da *landwehr*.

A carreira de Bismarck, não obstante o accidentado do trilho e a gravidade dos acontecimentos, deslisou serenamente perante a consciencia do homem publico de maior fama, e no convivio intimo do agricultor e industrial.

A sua existencia politica, iniciada como membro da dieta da provincia de Saxe em 1846 e da dieta geral em 1847, continuou diplomaticamente em 1851 na legação de Francfort, em 1852, em

Vienna, cooperando para afastar a Austria do Zollverein, liga aduaneira, em março de 1859 em S. Petersburgo, de cuja embaixada passou á de Paris, em maio de 1862.

O historiador Leger, escreveu n'uma obra relativa ao imperio austro-hungaro, esta phrase conceituosa e verdadeira:

«O rei Guilherme, coroado em 1861, tinha encontrado em Bismarck o ministro da politica que devia levar a Prussia ao apogeu do seu poder.»

No mez de setembro d'aquelle anno, o rei, dispensando o ministro von der Heydt, chamou a assumir a presidencia do conselho o seu embaixador na capital da França.

A camara dos deputados da Prussia vivia então em conflicto pertinaz, allegando contra o governo que «a maneira como era dirigida a administração das finanças, o direito essencial da representação nacional, o de votar e de superintender nas receitas e despezas do Estado, era quasi illusão.»

O novo gabinete, porém, não se deixou acobardar pela attitude dos membros da Camara, levou a effeito dissoluções, e declarando existir uma «lacuna» na Constituição, occupou a sua actividade na execução de medidas attinentes ao exercito, e decretou as despêzas de orçamento em harmonia com os altos designios de grandeza que se nutriam na mente do chefe energico.

Bismarck, não era um lisongeiro de ninguem, nem era um ente brutal; amava realmente a Prussia, e tinha veneração sincera á pessoa do seu rei, homem estudioso que sabia dar força áquelles que a mereciam intelectual e politicamente fallando, e que tomava a peito com affecto intenso a causa nacional e o interesse justo dos povos e dos individuos.

Bismarck e Guilherme, approximaram-se por sympathia singular e entenderam-se no levantado proposito da unidade allemã. O titulo de conde dado pelo monarcha ao ministro insigne, premiou o negociador do tratado de Gastein, de 14 d'agosto de 1865, em virtude do qual e a proposito dos celebres ducados de Schleswig-Holstein e Lauenbourg, a Prussia accentuava cada vez mais a sua preponderancia em relação aos austriacos. Por esta mesma convenção se assegurou á Prussia a posse do porto de Kiel, e a superior vigilancia sobre os trabalhos do canal do mar do Norte para o Baltico.

Incorporar aquelles ducados na Prussia, seguidamente á lucta que esta potencia e a Austria haviam empenhado contra a Dinamarca, fôra por ventura o sonho de Bismarck, que veria assim mais proxima a realisação do seu plano de unidade.

A pouco trecho, declarou violado o tratado de Gastein e tratou de imitar o governo austriaco nos preparativos militares.

Pouco tempo antes de começar a campanha de 1866, Bismarck asseverava o seguinte, em nota diplomatica de 24 de março do referido anno: «Pela situação geographica, já os interesses da Prussia e da Allemanha são identicos. Isto é tanto em nossa vantagem como em vantagem da Allemanha, e nós não pômos em duvida que se o poder da Prussia fosse aniquillado, a Allemanha apenas teria um papel passivo na politica europêa. Evitar semelhante eventualidade e fazer por conseguinte causa commum com a Prussia devia ser considerado como um dever sagrado por todos os governos allemães. Se a Confederação allemã devesse ser involvida nas grandes crises europêas que podiam originar-se a cada momento com a sua organisação presente, com as suas instituições politicas e militares actuaes, haveria muitissimo a temer que ella succumbisse e que não podesse preservar a Allemanha da sorte da Polonia.»

O habil ministro de Guilherme, conhecidas as aspirações dos italianos á liberdade da sua patria, soube pactuar alliança com os inimigos da Austria e dispôr para a guerra as tropas do seu paiz.

A batalha mortifera de Sadowa, esmagou as forças da sua rival e conferiu á Prussia, hegemonia militar plenissima.

Foi por esta epoca, que, Carlos Cohn desfechou em plena rua um revolver á queima roupa sobre Bismarck, que ficou illeso

O criminoso, mancebo bem educado e de boa linhagem, foi prêso immediatamente e suicidou-se na cadêa.

Bismarck, depois do triumpho inolvidavel alcançado no dia 3 de julho de 1866, em que o exercito prussiano tomou aos austriacos, «16:000 prisioneiros, 40 bandeiras e 180 peças de artilheria» levou por deante a sua idea de federação dos estados, sem embargo de quaesquer protestos.

A questão do Luxemburgo veiu brevemente produzir desintelligencias entre a França e a Prussia, avivadas logo a proposito da successão de Hespanha.

«Execrando, diz Cesar Cantu no livro *Os ultimos trinta annos*, reportando-se a Napoleão 3.º, a Santa Alliança, quiz começar por punir a Russia, depois os Bourbons, depois a Austria; o mesmo quizera tambem fazer á Prussia.

Quando Bismarck lhe propunha retalhar a Austria, e lhe promettia a Belgica e o Luxemburgo, não annuiu, mas deixou-o empregar todas as suas forças contra a Austria; quando o viu accrescentar-se extraordinariamente, pediu compensações, mas resignou-se a não as obter».

O facto de pretenderem os prussianos collocar um Hohenzollern no throno hespanhol, dando motivo a perigos serios para a integridade do solo francez, incendeu o animo dos habitantes da antiga Gallia e determinou um rompimento precipitado de hostilidades.

A guerra franco-prussiana, (1870-1871) cujo remate evidenciou novamente a immensa superioridade de recursos de que dispunham os vencedores de Sadowa, consagrou de modo incontestavel a fina capacidade de Bismarck, a quem Guilherme 1.º confessou ser grato pela corôa do imperio da Allemanha, creação quasi exclusiva do illustre homem de Estado, appellidado pelos francezes *chanceller de ferro*.

O venerando imperador, agradeceu os serviços prestados pelo energico ministro concedendo-lhe a distincção honorifica de principe.

O acto que teve por theatro Versailles, convertendo finalmente n'uma realidade assombrosa, os desejos nobres e as esperanças que alimentára o estadista de Schoenhausen, consumou com epilogo brilhantissimo a unificação da Allemanha.

«As festas grandiosas que se celebraram por toda a parte, disse o historiador Georges Weber, nas cidades como nas aldeias, sobre a terra allemã, e ás quaes se associaram com egual enthusiasmo os allemães residentes no estrangeiro, provaram que patriotismo levantado tinha despertado nos corações germanos, este desfecho glorioso d'uma lucta terrivel entre duas nações».

A Alsacia e a Lorena perdidas em favor do povo victorioso, e bem assim o pagamento d'uma extraordinaria indemnisação de guerra, abateram os francezes, cuja capital foi calcada pelos pés dos soldados prussianos.

Tres vultos de estatura moral proeminente sobresahiram na Allemanha no periodo que precedeu a conclusão da paz,—o imperador Guilherme, Moltke e Bismarck. Os dois primeiros antecederam o famoso chanceller, no chamado á presença do Julgador Suprêmo.

Agora chegou a vez do terceiro, de quem se não póde affirmar haver fundado «uma dominação, conforme se exprimiu Villemain na *Historia de Cromwell*, protector inglez, que guardou todavia até á sua ultima hora, inabalavel sempre na posse d'uma auctoridade incessantemente combatida» por isso que o actual imperador da Allemanha o substituio no governo, por Caprivi.

Bismarck, o homem que sentia delicias ao vêr-se a sós com a natureza nas suas propriedades do campo, e que estimava os fieis companheiros caninos até ao ponto de conservar sempre alguns perto de si, teve por vezes arrebatamentos politicos e tocou excessos de violencia, que pudéra talvez evitar; mas não é menos certo que sem uma tenacidade como a sua, e uma alma de rija tempera, e um pulso de aço, não era possivel vencer as difficuldades enormes que elle arredou da sua passagem e transformar um misto indigesto de estados n'um corpo disciplinado e n'uma potencia de primeira ordem.

Eis o feito illustre, que é devido ao seu talento genial e á sua mão vigorosa

Quando, não ha muitos annos ainda, o povo allemão rendeu homenagem em manifestação solemne ao ex-chanceller, associou-se ao movimento captivante, o augusto monarcha que ora preside aos destinos do imperio.

Para terminar, com segurança de consciencia, aplicarei a Bismarck estas palavras de Vinet, no estudo biographico do duque de Luynes: «Pour l'apprécier comme il le mérite, . . . il faut connaître ce qu'il a fait . . .; et alors seulement nous pourrons avoir une juste idée de son incontestable supériorité.»

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

NAS MARGENS DO DOURO

Uma paizagem de Pedras Salgadas

São tão variadas as paizagens que se observam nas margens do Douro, cada uma de seu aspecto e mais encantadora do que outra, que o viajante vae passando de surpreza em surpreza, desenrolando-se-lhe ante os olhos o mais soberbo espectaculo da natureza.

N'esta epoca do anno, em que uma boa parte da população das cidades sahe para as estações thermaes e para as praias, redobram de encantos esses logares aprazíveis, onde cresce a animação e a vida.

A estação de Pedras Salgadas é uma das mais concorridas, não só pela excellencia das suas aguas, mais ainda pela belleza da paizagem, como a que se observa na nossa gravura.

O VICE-REINADO DE D. VASCO DA GAMA

(CAPITULO D'UM LIVRO INÉDITO)

Foi breve o vice-reinado de Vasco da Gama, cerrado com o seu fallecimento, mas assignalado por actos de justiça, de energia, de disciplina, de severidade, como imperiosamente exigiam as circumstancias, que determinaram El-rei D. João III a escolhel-o para esse elevado cargo, embora então se achasse avançado em edade

No periodo decorrido desde 1510, em que a cidade de Gôa foi tomada aos mouros, até 1524, em que Vasco da Gama veiu por vice-rei, a India teve quatro governadores: Affonso de Albuquerque, Lopo Soares de Albergaria, Diogo Lopes de Sequeira e D. Duarte de Menezes.

Do governo de Affonso de Albuquerque ficou em todo o Oriente, de que elle se assenhoreára, e principalmnte em Gôa, a mais grata memoria; tinha sido «de muita verdade e tão inteira justiça que os gentios e mouros, depois de sua morte, com qualquer aggravo que recebiam dos governadores da India, se vinham a Gôa á sua sepultura, pedindo-lhe que lhe fizesse justiça.» Tão habil politico, como temivel guerreiro, Albuquerque não se limitou só á conquista pelas armas; lançou os primeiros fundamentos do imperio colonial portuguez; foi, na phrase do seu biographo Stephens Morse, que o incluiu na brilhante pleiade dos *rulers* da India, o primeiro europeu que, depois de Alexandre Magno, pensou em estabelecer um imperio colonial europeu na India, ou antes na Asia. Clive e Dupleix vieram muito depois a encetar a mesma obra em favor das suas respectivas nacionalidades. Compenetrando-se da importancia da cidade de Gôa, demonstrou a, por forma que a este respeito cessassem todas as duvidas, a El-rei D. Manuel, em cartas que são bem dignas de lêr-se. Esta *illustrissima ilha de Gôa* era o enlevo do glorioso heroe, que a destinou para metropole do novo imperio Constituiu aqui o governo municipal, á semelhança do de Lisboa, deu aos seus companheiros, casados com as mulheres naturaes, e moradores de Gôa, os mesmos privilegios dos cidadãos d'aquella capital. Era elevado o seu ideal politico: as allianças de sangue, a religião, as leis, a promiscuidade na gerencia dos negocios publicos, as tradições historicas deviam ser outros tantos élos que prendessem a India a Portugal. Em dez annos que militou na Assia e em seis que governou a India, Albuquerque deixou respeitado o nome e a soberania portugueza desde Ormuz até Ceylão, no reino da orgulhosa Cambaya, em Chaul, Dabril, Onor, desde Baticaloa até ao monte Dely, em Cananor, Cochim, Conlão até ao cabo Comorim. Mas, os seus triumphos crearam-lhe invejosos, a sua justiça inimigos, que, amaltando-se n'um odio commum, o malquistaram com El-rei D. Manuel, o qual esquecido, ou antes desagradecido, dos benemeritos serviços do insigne capitão, aquem nem déra o titulo de vice-rei, lhe arrancou das mãos o governo. E quando Albuquerque, no seu regresso de Ormuz a Gôa, gravemente enfermo e já nos derradeiros arrancos da vida, soube que era substituido e os nomes do novo governador e capitães de sua armada, voltando-se para um

amigo disse: «Que vos parece, senhor Diogo Fernandes? boas novas são aquellas para mim, que os homens que mandei presos e de que escrevi mal, veem honrados; certamente que grandes são meus peccados ante El-rei.» Estas singelas palavras mostram como fora minada a sua reputação na côrte, e quam impolitica, senão insensata era a successão. *As cousas da India fazem fumos em Lisboa:* exclamava por vezes o governador, e era verdadeiro o seu conceito!

Lopo Soares de Albergaria era declarado inimigo de Albuquerque, e vinha obcecado pela paixão da mais baixa vingança, de que nem o demoveu a morte, geralmente lamentada, do seu illustre antecessor. Não o deixou descançar, sepultado, nem lhe respeitou o tumulo. Tinha, é verdade, militado com distinção no Oriente, mas no governo mostrou-se incapaz (Bruce chama-lhe ignorante) orgulhoso, avarento e implacavel em destruir tudo quanto Albuquerque organisára, não hesitando ainda em lhe profanar a sepultura a pretexto de melhorar as fortificações; este desacato, aggravado pela veneração que nobres e plebeus, christãos e gentios tinham pela memoria do governador fallecido, causou a todos aberta indignação e tornou profundamente antipathico o seu governo, inculpado de outros defeitos, embora Gaspar Corrêa affirme que Lopo Soares na India *não viu dos seus olhss mulher, nem dinheiro.* Regressou em 1519, sendo mal recebido na côrte.

Succedeu-lhe Diogo Lopes de Sequeira, que foi accusado de ter praticado *erros com que deu muita perda a El-rei.* A concisão do chronista é sufficiente para definir o governador e o seu governo. Gaspar Corrêa tem este grande merito: em um simples dito, em duas palavras d'uma conceituosa precisão, d'uma inexcedivel singeleza, d'uma ingenua candura — *candor ingenuus* —, põe em relevo, a toda a luz, uma individualidade, ou mesmo uma época, como, em rapido escorço, carecido de seductoras tintas, resalta, semelhante, da téla, um retrato: no meio das suas rudezas e barbarismos, o pensador e o critico podem encontrar phrases d'um enorme valor synthetico, condensando um julgamento moral ou classificando um periodo da historia; Julio Lemâitre, lendo-o, sem duvida o havia de preferir, n'este aspecto, a Victor Duruy cujo elogio fez, no dia em que foi recebido na Academia franceza. Findo o seu triennio, Diogo Lopes foi substituido por D. Duarte de Menezes, com o qual entreteve, por varios aggravos, questões a ponto de lhe mandar um cartel de desafio.

D. Duarte tinha-se distinguido por seu valor nas guerras de Africa, mas na India enodôou a honra que lá ganhára; provou-se peior do que os seus dois predecessores. Estava a terminar a primeira edade, o cyclo aureo dos portuguezes no Oriente. D. Duarte *era muy grande cobiçoso de dinheiro apanhando quanto podia:* diz o auctor das *Lendas,* sugerindo ao espirito do leitor a idéa d'uma d'essas divindades hindús, de braços multiplos, cujas mãos parecem estendidas todas para receber ou apanhar. Não duvidou tirar a capitania de Chaul a Henrique de Menezes a quem de direito pertencia, para a conferir a Simão de Andrade, homem rico que se compromettêra casar com uma sua filha bastarda que tinha no reino; mais tarde, foi condemnado a pagar e pagou as perdas e damnos que Henrique de Menezes lhe exigiu no reino. Para cumulo trouxera em sua companhia um Francisco Pereira Pestana, mais conhecido por Francisco Pereira, que fôra capitão da fortaleza de Quiloa e veiu nomeado capitão da cidade de Goa, cargo que era então o mais rendoso e importante depois do de governador, e hoje corresponderia, na moderna hierarchia funccional, ao de administrador de concelho. Esse capitão foi o Attila de Goa; praticou os males e roubos que pôde, *como homem que não havia de dar conta n'este mundo, nem n'outro.* Por vezes subiram queixas ao governador, mas este a nada attendia, pois era intimo de Francisco Pereira de quem recebia dadiva e parte dos roubos, regalando-se ambos em dissolutos banquetes que fazem lembrar as orgias babylonicas. Como o governador fazia ouvidos moucos ás queixas, e augmentavam, dia a dia, as prepotencias do capitão, que tinha contra si toda a nobreza e o povo, houve uma conjuração para o depôrem, a qual não surtiu effeito por admoestação do bispo D. Martinho, que então se achava em Goa, e a quem os conjurados queriam eleger capitão até vir o governador que estava ausente. Entravam no plano dezoito homens d'entre os principaes da cidade, que juraram manter o sigillo; mas um Judas (sempre e em toda a parte os houve) que praticou a vilania de o delatar a Francisco Pereira foi o bastante para o capitão, enfurecendo-

BISMARCK NO REICHSTAG

se, exercer os maiores attentados contra os conjurados e suspeitos, insultando ainda o bispo na propria residencia episcopal; contava com a franca e decidida protecção de D. Duarte, tinha *o rei na barriga;* mas já em Lisboa eram conhecidas as proezas do grão-capitão, certamente pela respeito a El-rei, em 12 de janeiro de 1522, uma longa carta cujo original encontrou Cunha Rivara entre os manuscriptos da Bibliotheca de Evora. Mais que tudo a sêde de ouro — *auri sacra fames* — a cobiça mais sordida, estimulada pelas riquezas do Oriente, era insaciavel nos governacom numerosos e graves symptomas de decomposição, de esphacelamento, de ruina! Digamol-o com a historia e a bem da historia, porque referir a verdade, apontar os factos, não é, como muitos suppõem, ultrajar as tradições, nem calumniar o passado.

NAS MARGENS DO DOURO — UMA PAIZAGEM DE PEDRAS SALGADAS

informação dos *procuradores da cidade* e não lhe tardou o condigno pago dos seus criminosos feitos.

O triennio de D. Duarte, manchado pelas veniagas e abusos, assignalou-se ainda por successivos desastres de armas. A India estava já empestada pelos vicios e pela desmoralisação que ia minando a sociedade portugueza; vasto cemiterio de podridão e lentejoulas, diria Herculano. O bispo duniense D. Diogo já tinha escripto a este dores, partindo d'elles pessimos exemplos aos seus compatriotas e aos naturaes. Pachecos, Almeidas e Albuquerques tinham elevado em rapidos annos ao fastigio da gloria o Nome Portuguez, outros tinham vindo deslustral-o. Ainda não estava bem consolidado o dominio lusitano n'estas partes, para o que devia concorrer a sublime conformidade patriotica de pensamento e de sentimento, mas tinha começado a phase negativa,

Tal era o estado social e politico da India, de que El-rei D. João III houve conhecimento. Este monarcha, aliás accusado de acanhada intelligencia e de intolerante fanatismo, voltou a sua attenção para o Oriente, para o bello e prόvido Oriente, que tinha sido o sonho ininterrupto do Infante Navegador e do Rei Venturoso; quiz pois accudir com remedio prompto e efficaz ao mal que ameaçava perder o que a tanto custo se ti-

nha ganho. Carecia d'um *hemem*, energico, disciplinador, austéro e isento, a quem nem as riquezas da India estonteassem a cabeça, nem os respeitos humanos demovessem o coração: encontrou-o no velho lobo do mar que, longe da côrte — *procul a negotiis* — vivia quasi esquecido na villa de Vidigueira, cujo senhorio comprára ao duque D. Jayme de Bragança e de que fôra intitulado conde. Vasco da Gama foi nomeado vice-rei com plenos poderes sobre todos os dominios orientaes desde o cabo de Boa Esperança. (Carta Regia de 26 de fevereiro de 1524).

(Continúa). *J. A. Ismael Gracias.*

A CORDA DO ENFORCADO

(Ao dr. Trindade Coelho)

Onde se fazem, ahi se pagam

— Então — ha novidade?

— Nada, tudo em paz, mestre João.

— Pois, senhores, sempre lhes digo que ha muitos annos a esta parte não se faz aqui uma festa, que vá até ao fim como esta tem corrido! E está ahi o poder do mundo! — Bons caminhos, o tempo é como se vê — uma lindeza, que até mette gosto andar pelo campo! Os milharaes e as vinhas estão que é um louvar a Deus! Isto, com um tempo assim, dá alegria á gente, e então veiu tudo á festa. Nem ha rasão para o contrario.

— Inda é influencia do tempo este socego — mestre João — observou pausadamente o sr. Joaquim do Giestal. Estão ahi todos os pimpões d'esses logarejos, e gente de mais longe, que eu até nem os conheço. Cada garimpo! E raparigas então! Mocetonas de verga alta, vestidas e oiradas a preceito. Algumas vi eu agora, que, quando não tenham mais nada, o que trazem encima de si é já uma boa folha para um rapaz de porte se governar. O meu José lá estava de conversa com uma. Eu bem o vi, mas fiz que não. Que elle para alli não vae mal guiado. Toda ella era oiro! Arrecadas, aos pares, em cada orelha; cordões assim ás voltas, e grossos; corações alguns tres; e cruzes muito bonitas—duas pequenas e uma grande. E tudo aquillo se via que era novo.—Dinheirinho fresco. Umas partilhas de ha pouco. E filha de lavrador. O pae dizem que deixou um casão ás filhas, que são duas. Foi o que me disseram.

— De forma — disse mestre João — que a você tambem lhe não vae mal na festa, faz negocio — sem comprar, nem vender: emprega o seu filho. Elle tambem merece-o — que, sem offender ninguem, é um rapaz como uma flor.

— Mal me fica dizel-o — mas lá isso é. E apesar de ter aquelle corpo, e ser um rapaz ás direitas, olhe que nunca me faltou ao respeito. Nem a mim, nem á mãe, que Deus haja. Ainda não me deu um desgosto como isto. E com o pollegar o Joaquim apontava a cabeça do dedo minimo.

— É verdade, é verdade — disseram os que estavam presentes na loja de mestre João — o regedor — no largo, em frente da egreja.

— Eu tambem os ouvi hontem, snr Joaquim.— Lá estavam ao desafio. E mais é que ella, sobre ser bonita cachopa, canta bem. D'aquella pode-se dizer que se o peito é d'oiro, a garganta é de prata. E lindas cantigas, que ella tem no registro! Ainda me lembra esta:

> Descei anjos, descei anjos!
> Vinde poisar ao Calvario!
> Vinde cobrir com as azas
> a Senhora do Rosario!

Ora a festa é á Senhora do Rosario, e então já vêem como a cantiga vinha á justa. E todas eram assim finas, como esta. Aquillo juntou-se alli gente, que, se caisse um alfinete, não caía no chão!

— E o amigo Silva apanhou-lhe logo a cantiga. Não fosse você tambem cantador.

— Aprendemos uns com os outros. Isto não anda em livros, e então vae de outiva. Quem mais e melhor ouve, mais sabe.

Mestre João, que sentado na sua cadeira, dentro do balcão, presidia a esta academia rustica, era o regedor da terra. O sr. Joaquim do Giestal, que voltara da sua ronda pela feira, exercia as funcções de cabo geral. Refrescara-se com um copo de vinho verde, e sentara-se tambem. Os outros socios estavam de pé, encostados ao balcão e ás portas.

Proprietario, lavrador e logista — o digno funccionario era das pessoas mais gradas do logar, e por todos estimado. Quem o visse com a sua barba ainda negra, espessa e crescida, grandes sobrancelhas, as mãos fortes e cabelludas, e a voz grossa de baixo profundo, tomal-o-hia por um Ferrabraz de respeito, mas todos affirmavam que era a bondade em pessoa. Apenas alguns, dos que lhe faziam opposição nas eleições, diziam que elle, quando moço, se pegara um dia com um dos valentes do logar, o desarmara, e deitara por uma ribanceira. Outros affirmavam que não, e eram calumnias dos seus inimigos politicos.

Tudo podia ser — que os homens bons, quando teem força, e os provocam, fazem como os outros — saem dos seus eixos e dam para baixo.

De poucas palavras, isso era elle. Mas havia uma phrase, que lhe andava sempre na bocca: era esta — tempos calamitosos!

— Tempos calamitosos! — costumava elle dizer, á mais leve sombra, que surgisse no seu horizonte de homem, de lavrador ou de auctoridade.

Tornar-se-ia uma alcunha, e moeriam o com ella os seus adversarios, se fossem seus inimigos pessoaes; mas a verdade é que elle não os tinha, e d'ahi a dicacidade sertaneja não reparava em coisas tão pequenas. Mestre João ouvira aquellas palavras a um candidato a deputado discorrendo deante dos seus eleitores — e como o orador as repetira varias vezes, deram-lhe no goto, e elle guardou-as, e recorria a ellas nos casos graves. Eram o seu bordão.

Transbordava o Mondego, inundavam se os campos; faltavam as chuvas, e morria o gado á sêde; caia o ministerio, que era da sua politica; chegava-lhe a noticia d'algum motim eleitoral em terra visinha; afundava algum temporal duas ou tres lanchas poveiras; vinha algum destacamento, que elle tinha de aboletar... tudo isto elle commentava com a sua phrase, dita lenta e melancolicamente, umas vezes com as mãos assentes, e espalmadas sobre os joelhos e com a cabeça um pouco pendida para o chão; outras, erguendo os olhos, como invocando a assistencia divina para tamanhas desgraças! Tempos calamitosos!

A phrase era sempre a mesma — a voz e os gestos é que variavam. Se tantos oradores e regedores, grandes e pequenos, fossem tam parcos de rhetorica, tam concisos na eloquencia!..

O dialogo cessara, fizera-se silencio na illustre assembléa; a conversação carecia d'algum novo alimento, que lhe desse forças para proseguir, quando de fóra soaram, ao longe, uns gritos agudos, tremulos, e entrecortados, como de quem, afflicto, vem correndo e gritando!...

E outros, e outros... Vinham-se approximando...

Correram todos á porta, e a gente das casas visinhas assomou ás janellas, debruçando-se, com os olhos agudos da curiosidade. O povo da feira accorreu tambem.

Era a Mariquinhas, a *Russa*, a filha do Domingos da Azenha. E com ella vinha mais gente.

— Acudam! acudam! Um ladrão, lá em casa!... clamava ella, endireitando a carreira para a loja do regedor.

Foram-lhe ao encontro os que alli estavam.

— Então o que é isso, pequena? perguntou Mestre João. O que é?

— Um ladrão enforcado lá em casa! Venham cá, venha cá, ó sr. João — e a rapariguita, com os olhos desvairados, e offegante da corrida, levou as mãositas enclavinhadas quasi á cara de mestre João.

— Vamos lá! vamos — disse elle. Mas o que é? dize-me, Mariquinhas!

Ella, sem responder, voltara costas, e partira, a gritar como louca, pela rua fóra:

— Que desgraça na minha casa! Acudam! acudam!

* * *

Quando mestre João chegou á porta do Domingos da Azenha, e ia a entrar, estacou de repente. Os que o acompanhavam fizeram o mesmo.

— Jesus! disse elle, abrindo os braços, com as mãos levantadas, no gesto de quem repelle alguma coisa, e recuando.

— Jesus! O que é? É o Domingos?! repetiam e perguntavam os outros, que não viam a causa do espanto do regedor.

Ao meio da casa de entrada, d'uma das traves do tecto, pendia, suspenso no ar, um grande vulto. A quadra era grande e escura, e de fóra para dentro não se via bem, mas mestre João affirmou-se, e viu que era com effeito um homem enforcado.

— Não é o Domingos. E quem é morreu agora, disse elle, voltando-se para os outros.

As ultimas contorsões da morte acabava elle de as vêr, e por isso recuara.

Suspensos deante do extranho e sinistro espectaculo, ninguem se atreveu a entrar, e nos primeiros momentos ficaram todos em frente da porta, olhando para dentro, immoveis como estatuas.

Os gritos da *Russa* e a presença da auctoridade chamaram logo alli toda a gente, que os ouvira.

— O que é, tia Maria?

— O que foi?

— Mataram o Domingos! respondeu um.

— Nada, não. Enforcou-se elle — emendava outro.

— Porque seria? — insistiam as curiosidades, aguçadas já para os pormenores.

— Não se sabe — disse, com ares graves, um terceiro, dando o caso já por certo.

E assim iam os curiosos e alviçareiros discreteando de grupo em grupo, ouvindo, inventando, e espalhando dislates e mentiras — como é de uso tambem nas grandes cidades.

....

* * *

Ao longe ouvia se o som grave do bumbo e as notas agudas e sibilantes d'uma gaita de folles, reboando pelas quebradas da serra fronteira, e pela estrada vinha cantando um rancho para a festa.

— Ó ai! ó ai!

....

Uma choréa rustica, alegre e ruidosa.

Elles — os rapazes — com os grandes chapeus braguezes, ornados de enormes borlas de torçal preto, camisas de preguinhas, algumas com botões de prata, jaquetas de alamares, largas cintas vermelhas, amarellas, pretas, azues, verdes; outros de barretes, tambem de côres variegadas; todos de sapatos brancos com os seus pespontos vistosos, e grandes cajados com as ponteiras brilhantes como oiro. Nos de mais edade as côres eram neutras, fazendo destacar aquelles tons vivos e crus, que, como os d'um kaleidoscopo, redemoinhavam na dança.

Ellas — com as suas camisas bordadas, os corpetes justos, apertados na cinta — desenhando-lhes os bustos fortes e elegantes — e avivados de côres, com botões de metal luzente, as saias rodadas e curtas, as meias brancas, as chinelitas de bico revolto, a meio pé, e na cabeça o chapeusinho, á lavradeira, sobre garridos lenços de ramagens, que, na desenvoltura dos movimentos, ora cobriam ora descobriam os rostos morenos e rosados, d'onde lhes saltavam os olhos alegres e buliçosos — olhos que na sua viveza faziam concorrencia vencedora ao esplendor das arrecadas, aos grandes corações de filigrana e d'oiro batido, e ás côres estrellantes dos lenços, que esvoaçavam! Sobre esta symphonia, desordenada nos pormenores, mas harmoniosa no conjuncto, destacavam — como uns *pizzicatos*, cheios de espontaneidade e de frescura — as vivas notas coloridas das flôres do campo, com que ellas pelo caminho tinham enfeitado as cintas, o peito e os chapeus.

E queimadas do sol, affogueadas, o suor em bagas, e cheias de pó, vinham dançando e cantando:

> — Ó ai! ó ai!
> Quem escorrega, tambem cae!

Aquella gente, alli reunida á porta da casa, deu-lhes rebate de bailaricó e o bando parou.

— O que é? perguntou o da viola, que vinha na frente — um rapagão como uma torre.

— Diz que é um morto, que se enforcou! — replicou-lhe o cantador que veiu espreitar, e era gracioso.

— Ah! é! Arreda-te, João! Vae-te, Maria! — e siga o rancho!

E lá se fôram, pela estrada fóra, dançando e cantando:

> A viola vae na rua:
> perto vem o tocador!
> Menina, chegue á janella,
> venha vêr o seu amor!

E as vozes altas e argentinas das raparigas, vibrantes, já longe, repetiam, em côro:

> Ó ai! ó ai!
> Venha vêr o seu amor!

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

RECEIO E CRENÇA

Em vão me cerca, em vão, a descrença, a apathia
D'aquelles que, da patria ao sentir os revezes,
Olvidam o que foi, o que são portuguezes,
E julgam que ella toca as vascas da agonia.

Eu não; eu, confiado, espero o novo dia.
Se gemo, porque bebe o calix té ás fezes,
Creio que surgirá, qual surgiu tantas vezes.
Longe, longe de nós tamanha covardia.

Porém da mesma causa uma e outra é effeito,
A sua pouca fé e a minha grande e forte,
Que é ao medo, á esperança o muito amor sujeito.

E, se o p'rigo chegar (jamais o traga a sorte!),
Hão de todos por ella offerecer o peito,
Hão de todos por ella ir affrontar a morte.

Ramos-Coelho

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XXI

Uma joven á janella, um mancebo de atalaia á lua

Quando se levantaram todos da meza e foram até o jardim, a Amalia não largava as saias da mãe, á qual offereceu o braço com o garbo do mais perfeito cavalheiro; d'este modo, se acaso occorresse ao Frederico collocar-se a seu lado para lhe dizer, Deus sabe o quê, não lograria levar a sua ávante e perderia a paciencia.

Fallava e ria, a pobresinha, rindo muito mais do que fallando, mesmo quando não vinha nada a proposito, porque não cessava um instante sequer de repetir comsigo, em segredo e com verdadeiro sobresalto:

«Oh! meu Deus! ama-me!»

E sempre que ouvia passos atraz de si, não podendo fugir, detinha-se, palpitante, e sem se voltar, e tentava attrahir a attenção da mãe para uma arvore ou para uma casinha alegre qualquer, que branquejava no topo de uma collina distante, pensando:

«Elle ahi vem — é elle! quem sabe o que virá dizer-me!»

Eram, porém, o Joaquim e o Romulo.

Por sua vontade teria perguntado: «Onde ficou o sr. Frederico?» pergunta que de manhã ainda nada teria de extraordinario, mas agora... agora bem se via que trazia ainda sobre os labios aquelle beijo inexpungivel.

Sem que d'isso tivesse culpa, chegára a essa phase intrincada das relações entre homem e mulher, em que a indifferença, para passar por tal, tem de pôr a mascára do esquecimento... sendo assim menos acreditada.

Por fortuna, a Tranquilina perguntou:

— Onde estará o doutor?

— Ficou com o Frederico, que lhe ia contando a historia da sua falencia, com desembaraço sem egual.

— Elles ahi veem — exclamou o Joaquim — mas como gesticula o Frederico! Parece estar-lhe fazendo ver até onde chegam os seus fundos.

Não tardou a Amalia em tranquilisar-se, notando que o seu amphytrião não parecia ter outro cuidado a não ser o de cumprir os devêres da hospitalidade para com o dr. Roque, levando-o d'aqui para alli, e acertando o passo pelo do invalido. E tão socegada ficou a joven, que não receou approximar-se do pae, e do hospede a distancia de alguns passos, e chegou até a parar uma vez na encruzilhada de umas ruas, por onde elles tinham de passar, se bem que olhando para outro lado... mas aquelle paz d'alma do Frederico disse-lhe: «Estimo que lhe agrade o passeio, minha senhora e seguiu para deante carregando com o doutor.

Voltou-se de repente a donzella, com ar naturalissimo de espanto, mas aquelle par passára adeante com toda a placidez sem mais se importar com ella.

A Amalia então deitou a correr atraz d'elles; alcançou-os, separou-os, sem mais preambulo, e metteu-se de permeio. Imaginava que os faria rir, ou que, pelo menos, lhe diriam: «Bravo! O Frederico, porém, apenas sorriu para ella e o desnaturado pae perguntou-lhe por Tranquilina. Onde estava? Que ficára a fazer? Se tinha posto o chaile? E como a Tranquilina o não tivesse posto, e éra magna imprudencia fiar-se nas branduras de Fevereiro, o sabio facultativo recommendou á menina que fosse a correr buscar o chaile e que o levasse a mamã... Em fim, mysterios!

Assim, pois, no fim de ter receado tanto certo colloquio, chegou um momento em que a Amalia, parando, em sêcco, teve de confessar a si propria que não fazia outra coisa, havia um quarto de hora, se não procurar occasião de encontrar-se a geito com o Frederico, e que o não conseguira.

— Queria dizer lhe que o engenheiro Enéas, isto é, não..., que o papá, que a mamã... emfim, queria dar-lhe a entender que não fosse elle apaixonar-se por ella, porque já não estava livre.

Veiu a conseguil-o, a final, quando menos o esperava, e graças ao dr. Roque, que deixou a filha a sós com o Frederico, e foi reunir-se á mulher e aos amigos, debaixo de um caramanchél, no intuito de inspirar-lhes temor salutar pelo rheumatico e de os induzir a recolher a casa.

Caso estranho! O Frederico não offereceu o braço á Amalia, esta, porém, quer sim quer não, foi acceitando.

— Que tarde tão formosa! — encetou a joven com o despeito de ser a primeira a fallar e a romper o silencio com uma banalidade.

— É verdade, está linda; mas aquella nuvem, além, para o lado do poente, não é nada bom presagio.

— O que promette então?

— Não me admirava nada se tivessemos por ahi neve, ámanhã.

— A'manhã não pode nevar — observou a Amalia — porque temos de nos ir embora.

— Calhava aqui, lindamente, um suspiro; não o deu, porém, o Frederico.

Depois de alguns momentos de silencio, a Amalia, olhando em redor, exclamou:

— Que tranquilidade!

— Que tranquilidade — repetiu o Frederico.

— Como deve sentir-se feliz, aqui sempre, em frente d'estes montes e d'este lago!

O Frederico, nem palavra.

— Terá porem a certeza de que é feliz? — adduziu a joven.

— Sim, porque terei o bom senso de não pedir a felicidade aos montes, nem ao lago, que não poderiam conceder m'a por mais de um quarto de hora; pedil-a-hei antes ao meu jardim e ás minhas predilectas...

— Ás pédras. São as coisas de menos monta as que mais satisfação proporcionam ao homem; e não as grandes, que essas deixam-n'o descontente. O segredo da felicidade terrestre está encerrado n'um estojo do tamanho de uma noz.

Reflectiu a joven por momentos; em seguida ergueu o rosto, sorrindo e disse:

Receio bem que esteja illudido; a ventura não está nas coisas, mas sim nas pessoas; quem a tem dentro em si encontra-a nas coisas pequenas; quem a não tem em vão a busca nas grandes. Feliz sempre aquelle que não deseja.

— Quem se illudiu agora não fui eu; — advertiu o Frederico. — A inercia não pode ser a ventura, emquanto o desejo dá azas á vida; desejar um bem que é possivel alcançar, eis a verdadeira felicidade. Devemos porem percorrer a vida a vôos curtos e continuos: quem parar, morre, e quem quer ir longe de mais, extravia-se.

O exordio, éra, conforme se vê, tal qual a Amalia o imaginava, o discurso, porém, é que não vinha.

— «Não me ama! — pensou, por fim. — tanto melhor!».

Anoitecia; os jovens estavam ambos callados, havia já um bom pedaço, sem que déssem por isso, eis que uma voz, vinda da lamêda, bradou: «Amalia».

Esta poz-se a caminho, mas parou logo, ao ouvir atraz de si um longo suspiro.

— Foi o senhor que suspirou? — perguntou, voltando-se — assustou-me...

O Frederico soltou uma gargalhada, e a donzella, correndo pela lamêda, tornou a murmurar: «Não me ama.

Duas horas depois tudo era silencio na vasta campina.

Assomou a Amalia á janella do seu quarto e permaneceu immovel por algum tempo contemplando aquelle espectaculo, para ella desusado; custava-lhe a crêr que, em vez da janella de alguma visinha curiosa, tivesse ante os olhos o campo aberto e o lago tranquillo e rugôso como o semblante de um d'um d'aquelles velhótes que lhe queriam tanto. Sim! que os velhotes queriam-lhe muito!

Dirigindo para mais longe o seu olhar, topava com os montes cobertos de neve, outros bons velhótes que pareciam dizer-lhe com doce imperio, erguendo as encanecidas cabeças: d'aqui não se passa; não deves deixar-nos».

«Pois deixo-vos — respondia ella — Vamos embora ámanhã; Está á minha espera, lá em Milão, um... engenheiro.

Por cima, muito mais por cima, a lua mirando-se no espelho do lago, e que, quando o ocioso vento lhe antepõe na frente um veo de nuvens negras, corre, solta-se d'elle, torna a apparecer e a ficar immovel em frente do seu espelho.

— Como a lua é bella e melancolica!

Porem, quem sabe, está talvez apaixonada pelo sol e terá de casar com algum engenheiro...

— Que seria aquillo? um ruido por entre a folhagem sempre verde das ruas de buxo; estava alguem alli escondido... mas quem?

— Amalia! — murmurou uma voz que mais parecia um suspiro.

E mais nada, por que a donzella teve medo, retirou-se da janella, fechou a vidraça e deixou-se cahir sobre o sofá.

Sacudindo o stupôr, olhou para o relogio, que marcava meia noite e a sua primeira ideia foi apagar a luz e correr á janella. Momentos depois, via deslisar uma sombra muito devagarinho por entre as moitas de buxo e logo desapparecer.

Tornou então a accender a luz, viu-se ao espelho e chorou.

(Continúa) *Pin-Sél.*

NECROLOGIA

GENERAL JOSÉ MARIA SMITH BARRUNCHO

Nunca pensámos ter de fazer o seu necrologio. Elle era tão robusto, tinha tanta saude e tanta alegria, a alegria bondosa de uma alma lavada e de um coração generoso, que nunca pensámos sobreviver-lhe com a nossa anemia e fraqueza de homem doente e cançado dos trabalhos da vida.

D'ahi a dolorosa surpreza que nos causou a sua morte, morte que contristou todos que o conheciam, e que eram muitos, que era toda a gente, pelo menos em Lisboa, onde toda a população o conhecia, costumada a vel-o passar por a cidade, montado no sau cavallo russo, com a sua ordenança de segundo commandante da guarda municipal.

E como elle desempenhou sempre essa difficil commissão militar, durante dez annos, atravez de varias perturbações da ordem publica, em que elle soube sempre manter o prestigio da auctoridade, sem bravatas, sem abusos castigando quando era preciso, como elle dizia: — Nunca mandei dar para baixo senão quando estava cheio de razão. E o mais para admirar n'isto é que elle sabia perfeitamente quando tinha razão, o que não é vulgar em toda a gente.

O coronel Barruncho, como todos o conheciam, e lhe chamavam, era ainda um caracter, n'esta terra onde elles tanto vão faltando. Ás suas apreciaveis qualidades de militar e disciplinador, juntava, a afabilidade do trato, os requintes de educação esmerada, a vontade de ser agradavel a todos e de a todos valer com a sua influencia, andando sempre carregado de pretenções e pedidos para obsequiar uns, para valer a outros, e quanto mais pobres e mais desprotegidos mais elle se empenhava em os apadrinhar e conseguir o que pretendiam, e assim levou a vida, que ainda na antevespera de morrer, escreveu, como poude, dusas cartas a recommendar negocios, que não eram seus.

Isso era a sua maior satisfação, e eis porque todos eram seus amigos, porque todos lhe queriam muito, porque se tornou popular, desempenhando cargos em que tantos se tem impopularisado.

A justiça e o bom criterio foi sempre o seu norte, e dentro d'estes limites, elle soube, como militar, ser disciplinador e cumpridor dos deveres de seu cargo, como homem, amigo devotado e prestante até o sacrificio.

Alma de eleição, que se comprazia no bem pelo amor do bem!

O general José Maria Smith Barruncho, nasceu na ilha da Madeira em 1839. De origem ingleza, herdou de seus paes o temperamento fleugmatico, e os dotes de fina educação. Aos dez annos, dizia elle — vistiram-me pela primeira vez a farda de alumno do Collegio Militar, e tão bem seguiu o curso, que aos dezeseis annos sentava praça na arma de infanteria, a 20 de outubro de 1855 e

tres annos depois era promovido a alferes; seguindo todos os postos, sempre em serviço na fileira, até ao de tenente coronel, em 1887, passou á guarda munipal, na qualidade de seu segundo commandante. Ali permaneceu 10 annos, desempenhando de modo superior aquella, difficil commissão, que continuou ainda no posto de coronel, mas que teve de deixar em maio de 1897, por ter sido promovido a general de brigada.

Foi commovente a sua despedida da guarda, porque desde os officiaes superiores até ao ultimo soldado, todos eram seus amigos sinceros.

Ao fim de mais de quarenta annos de serviço, na fileira, quando chegava ao posto elevado de general, justo premio de uma vida trabalhosa, chegou tambem a morte para que elle só no tumulo descançasse.

Paz á sua alma e os nossos sentidos pesames a sua illustre familia.

C.

PUBLICAÇÕES

O Diccionario das Seis Linguas. *Obra unica no genero, indispensavel ao commercio, á industria, ás corporações diplomaticas e consulares, aos tabelliães, escrivães, advogados, estudantes de todos os paizes, etc.* por um Bibliophilo. *Empreza Editora do* Occidente Lisboa. A livraria portuugueza vae ser enriquecida com uma obra, a primeira que se faz n'este genero na livraria universal, e cuja utilidade pratica é facil de avaliar, pela simplificação de meios de consulta no conhecimento das linguas e pela barateza da edição ao alcance de todas as bolsas.

Relevante é o serviço que a Empreza Editora do Occidente, vae prestar com a publicação do *Diccionario das Seis Linguas*, e nós, que conhecemos de perto o plano da obra e a maneira engenhosa porque o seu auctor a está fazendo, podemos garantir ao publico que nunca lhe offereceram um livro mais util e mais necessario, n'estes tempos, do que o *Diccionario das Seis Linguas*, accrescendo a isto a modicidade do preço.

O *Diccionairo das Seis Linguas* abrange:

Francez-Portuguez e Portuguez-Francez
Francez Hespanhol e Hespanhol-Francez
Francez-Italiano e Italiano-Francez
Francez-Inglez e Inglez-Francez
Francez-Allemão e Allemão Francez

O jogo d'estas seis linguas, póde dizer-se que envolve a materia de trinta diccionarios, e com tudo o *Diccionario das Seis Linguas*, apenas constitue um só volume, in-8° portuguez, com mil e tantas paginas e de facil manuseação.

Este livro assim vem forrar o gasto de tempo em consultas de tantos diccionarios quantas as linguas que se pretendem conhecer, como até aqui acontecia, e economisar despezas avultadas que até agora era mister fazer para adquirir esses diccionarios. Se a isto accrescentarmos, sem receio de exaggerar, que o *Diccionario das Seis Linguas* satisfaz plenamente a todas as exigencias, graças ao excellente methodo porque é feito e aos vastos conhecimentos polyglotas do seu auctor, podemos affirmar que este livro vem prestar um grande serviço a todas as classes, aos que trabalham e querem progredir, sem que para isso lhes exija sacrificios pecuniarios, n'estes tempos difficeis que vamos atravessando.

Nada mais modico que obter obra tão util e tão necessaria por 30 réis semanaes, que é quanto custa cada entrega de 16 paginas o que dá para a obra toda o custo de 2$400 réis, facilitando ainda a *Empreza Editora do* Occidente a acquisição da obra completa por 2$000 réis a quem pagar esta quantia adeantadamente.

A *Empreza Editora do* Occidente, em Lisboa envia prospectos e folha de especimen a quem os requisitar, para ter mais esclarecimentos sobre as condições da publicação e da assignatura.

Recebemos e agradecemos:

Zélia *(Amores d'uma brazileira) por Oscar Leal Lisboa — 1898.*

De companhia com o romance historico *Um marinheiro do seculo XV*, original dos srs. Oscar Leal e Cyriaco de Nobrega, recebemos o novo romance do primeiro d'estes senhores *Zélia* (ou os *Amores de uma brazileira*), trabalho bem dialogado e cheio de observação, que muito abona as faculdades litterarias do sr. Oscar Leal, um escriptor tão modesto como fecundo.

Tanto um como outro romance merecem verdadeiro apreço e não regatearemos justos louvores aos srs. Oscar Leal e Cyriaco de Nobrega.

O Jornal dos Romances illustrado — *5.ª serie — Porto 1898.*

Recebemos o n.° 47 d'este interessante publicação illustrada, que insere a continuação do romance *Joaninha, a costureira, O romance d'um Soldado, A cidade Aerea, Os cavalleiros da Rosa Vermelha, A doutrina e a pratica do espiritismo*, e uma variadissima *Secção recreativa, Theatros e Bibliographia.*

Recommendamos aos nossos leitores este jornal, que se encontra á venda em todas as livrarias e kiosques e na séde da Empreza, rua de D. Pedro, 178 — Porto.

Revista de la Union Ibero-Americana — *N.os 151 a 153. Imprenta de A. Ruiz de Castroviejo — Madrid 1898.*

Temos presente o ultimo numero d'esta interessante revista, publicada sob a direcção do sr. Marquez de Benavites. O summario é o seguinte: *Seccion oficial.* — Comision ejecutiva. — Cuentas de ingresos y gastos durante el mes de Mayo. — Mensaje elevado por la Union al Gobierno de S. M.

Informacion general. — Crónica del mes de Mayo, por Atico.

Seccion financiera y estadistica. — España y America en la produccion y en el comercio, por Ricardo Becerro de Bengoa.

Agricultura, industria y comercio. — El tabaco, por Gustavo Niederlein.

Literatura, ciencias y artes. — Estudios helénicos en Espana, por Julián Apraiz. — Poetas americanos, por F. Navarro y Ledesma. — La Palabra: Origen y desarrollo del lenguaje articulado, por F. Cascal y Muñoz. — Musicos americanos, por Lusiñan de Mari.

GENERAL JOSÉ MARIA SMITH BARRUNCHO

Fallecido em 26 de julho de 1898

Clinica thermal de Vidago *por João da Silveira Figueiredo. A estação de 1897. — Porto — 1898.*

O fim principal d'esta lucida monographia do sr. dr. João da Silveira Figueiredo é continuar a «santa cruzada da quebra da rotina e da destruição do empirismo» mostrando que o ingerir abusivamente aguas de Vidago tem as suas inconveniencias, e que ellas se devem beber regradamente, e não com a intemperança dos doentes, que, anciosos pela cura, a ingerem sem conta nem medida, quando exactamente as aguas de Vidago se distinguem pela sua acção tão lenta quão efficaz.

Estudando as diversas enfermidades e regulando as doses da agua a beber, o presente opusculo disserta interessantemente sobre doentes apparecidos em Vidago, soffrendo de arthritismo, gôta e gravella urica, anemia e chlorose, diabete, obesidade, albuminuria, dyspepsia, gastralgia, gastroectasia, dyspepsia intestinal e enterite, atonia do recto, doença do figado, engorgitamentos do figado, lithiase biliar, engorgitamentos do baço, cystite chronica, metrite chronica, asthma, dermatoses, e dando sobre todas estas enfermidades as mais sensatas prescripções.

É mais um livrinho deveras util com que se enriquece a já importante bibliographia das aguas de Vidago.

Telas e esculpturas *da cidade de Gôa, memoria historico-archeologica por Luiz Gonçalves, com prefacio de José Antonio Ismael Gracias — Bastorá — Typographia Rangel — 1898.*

Comprehendendo que os monumentos são uma das mais notaveis fontes historicas, e entre elles teem bom logar os *retratos* e as *estatuas*, porque além de serem um elemento historico recordam o *facies* energico, magestoso e nobre dos grandes homens que representam, propoz-se o sr. Luiz Gonçalves a dar nas paginas d'esta sua erudita monographia uma noticia tão minuciosa quanto lhe era possivel, das telas e esculpturas da velha cidade de Gôa, a celebre cidade do Oriente.

Este trabalho tem merecido rasgados louvores de quantos o lêem, e boa prova é o haver-se impresso por conta da commissão executiva do centenario. Muito dignas são tambem as palavras que encerra o interessante prefacio do sr. Ismael Gracias, o conhecido escriptor indiano, a quem tantas vezes temos tido o prazer de nos referir, e que nos apresenta o novo trabalho do sr. Luiz Gonçalves, trabalho que demonstra muito estudo e singular applicação.

Revista do Brazil — *Anno I — N.° IX e X — S. Paulo — 1898.*

Mais uma elegante revista nos offerece o Brazil. A parte material e a litteraria honram egualmente o director, sr. Cunha Mendes, e os editores srs.: Carlos Gerke & C.ª

Involvendo este numero da *Revista do Brazil* vem um outro periodico *A Revistinha*, gracioso summario e annuncio da Revista do Brazil.

Lições de Cousas, *por Ladislau Batalha — Bibliotheca do Centro Socialista dos Anjos — 1897-1898.*

Constituindo um interessantissimo curso de vulgarisação scientifica, o sr. Ladislau Batalha reproduz n'esta publicação o seu curso de sciencia pratica, feito em lições successivas, no Gremio Socialista dos Anjos. Impulsionado pelo espirito socialista até ao absurdo o sr. Batalha começa por tratar da *socialisação da sciencia*, dizendo que ella até agora tem sido apanagio de castas, não reflectindo que só pela sciencia se dá a socialisação, pois só pelo estudo os homens se elevam e egualam.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39